

AMPARO DE MÃE

Farsa em um acto de JORGE DE SENA (1948). Publicada em 1951, na revista «Unicórnio»; incluída na antologia «Teatro Português, do Romantismo aos Nossos Dias» (1960) e reeditada em 1974 na colecção «Teatro Vivo».

Representada por vários grupos de teatro amador.

[...]

Cena única: sala modesta numa casa burguesa, armada em câmara funerária.

Rodeada por vizinhas, parentes e amigas, que dizem banalidades e trocam mexericos a meia-voz, a Mãe, D. Felismina, vela o corpo de Belinha, a filha mais nova, com quem (e a cujas expensas) vivia. A filha mais velha, Aninhas, que saiu de casa para se entregar a uma existência livre, vem de passagem despedir-se da irmã. A Mãe procura retê-la, ou ao menos conseguir que ela a sustente, como fazia a morta. Mas a filha mais velha tem pressa em voltar para junto do amante rico, que a espera lá fora. Sozinha, desesperada, enraivecida, a Mãe abeira-se do caixão e subitamente esbofeteia a morta.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 144-145.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.